

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

O APLICATIVO SNAPCHAT COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA

AUTOR PRINCIPAL: Matheus Henrique Oliveira Colombo

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Bibiana de Paula Friderichs

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho busca compreender de que forma o jornalismo se apropria das ferramentas disponíveis no aplicativo Snapchat. Este estudo é norteado por inúmeros teóricos ligados à comunicação de modo geral, e ao jornalismo de modo particular, dentre os quais se destacam: André Lemos, para o conceito de cibercultura e Raquel Recuero para o conceito de redes sociais e as maneiras de interação entre as diferentes plataformas a partir delas. Com outros autores, também buscamos compreender as novas práticas de produção e consumo de informação noticiosa. Ao fim desta pesquisa foi possível observar que os perfis analisados fazem jornalismo através do Snapchat, muitas vezes usando a linguagem jornalística tradicional e em alguns casos convergindo formatos tradicionais as novas possibilidades de narrativa oferecidas pela plataforma.

DESENVOLVIMENTO:

O Snapchat é uma tecnologia recente, com recursos cada vez mais inovadores, mas é possível entender seus recursos e o comportamento dos seus usuários a partir do comportamento em rede, de modo geral, em redes digitais, de modo particular, e como ele se deu a partir do surgimento da cibercultura.

Autores como André Lemos (2003) e Lévy (1999) defendem a ideia que a cibercultura foi construída junto com a sociedade se inserindo diretamente no espaço social. Assim, a chegada de uma nova tecnologia, não significa a morte de outra, mas a migração das práticas e a transformação dos modos de representação. Do ponto de vista da comunicação, trata-se de uma convergência e de uma renovação dos suportes e das linguagens, e que conseqüentemente impactam no fazer jornalístico.

A oferta de diversos espaços digitais, que se modificam constantemente, também exigirão do jornalista um exercício contínuo de adaptação.

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Trata-se aqui da migração dos formatos, da lógica da reconfiguração e não do aniquilamento de formas anteriores. Não é transposição e não é aniquilação. Estamos mais uma vez diante da liberação do pólo da emissão, do surgimento de uma comunicação bidirecional sem controle de conteúdo (LEMOS, 2003, p.5).

Inicialmente a lógica da convergência entende que deve haver uma reorganização do conteúdo produzido em uma plataforma para que possa ser reproduzido em outras. Entretanto para Jenkins (2006) esse processo é muito mais do que isso. De acordo com o autor a convergência representa uma transformação cultural, que coloca seu consumidor para procurar mais conteúdo, em diferentes meios. Ela quebra o paradigma de destruição a mídia anterior, compreendendo que na cibercultura é possível que elas se misturem e interagem em formas cada vez mais complexas.

Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada antigo meio foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos 10 anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mas propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias (JENKINS, 2006, p.41-42).

O autor acredita que essa convergência de mídia não pode ser considerada uma mudança tecnológica, mas uma alteração da tecnologia, um processo e não um ponto final:

Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente de mídia provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Dessa maneira vemos que o Snapchat, e as redes sociais, de maneira geral, dependendo das particularidades, acabam oferecendo somente o Lead, no caso do Snapchat, a restrição de hiperlinks dentro do aplicativo não permite um aprofundamento maior, somente pode ser visualizado o que o usuário disponibilizou e coloca em contrariedade algumas definições.

REFERÊNCIAS:

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Aleph, 2006

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina. Porto Alegre, 2003.

LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Sulina. Porto Alegre, 2002

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade. A era da conexão. Intercom. Rio de Janeiro, 2005.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

SNAPCHAT turbina seu valor para mais de US\$ 20 bilhões. Exame. Maio, 2016. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/mercados/Snapchat-turbina-seu-valor-para-mais-de-us-20-bilhoes>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS:

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.